

HENRY MILLER

TRÓPICO DE  
CAPRICÓRNIO

Tradução  
MARCOS SANTARRITA  
ANGELA PESSÔA

2ª edição

**Jo** JOSÉ  
OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2017

**A**ssim que a gente entrega a alma, tudo continua com mortal certeza, mesmo no meio do caos. Desde o princípio, jamais passou de outra coisa que não o caos: um fluido que me envolvia, que eu respirava pelas guelras. Nos substratos, onde a lua brilhava constante e opaca, era liso e fecundante; acima, confusa vozeria e discórdia. Em tudo eu via logo um oposto, uma contradição, e entre o real e irreal, a ironia, o paradoxo. Eu era o meu pior inimigo. Não desejava fazer nada que fosse melhor não fazer. Mesmo em criança, quando não me faltava nada, queria morrer: queria render-me porque não via sentido em lutar. Sentia que nada se provaria, consubstanciaria, somaria ou subtrairia pela continuação de uma existência que eu não pedira. Todos à minha volta eram um fracasso, ou, se não, ridículos. Sobretudo os bem-sucedidos. Estes me entediavam até as lágrimas. Eu era excessivamente compreensivo, mas não por simpatia. Era uma qualidade totalmente negativa, uma fraqueza que desabrochava à simples visão da infelicidade humana. Jamais ajudei a quem quer que fosse esperando que isso fizesse algum bem; ajudava porque não podia agir de outro modo. Parecia-me fútil querer mudar a condição das coisas; convencera-me de que nada se alteraria, a não ser uma mudança de opinião, e quem conseguiria mudar as opiniões dos homens? De vez em quando, um amigo se convertia: coisa que me dava engulhos. Eu não precisava mais de Deus do que Ele de mim, e se houvesse um Deus, dizia-me muitas vezes, eu O enfrentaria com toda calma e cuspiria em Sua cara.

O que mais me irritava era que, à primeira vista, as pessoas me tomavam por bondoso, afável, generoso, leal, fiel. Talvez eu possuísse essas

virtudes, mas se isso fosse verdade, era por indiferença: podia dar-me ao luxo de ser bondoso, afável, generoso, leal e tudo mais, pois não sentia inveja. Essa era a única coisa de que jamais fui vítima. Nunca invejei nada nem ninguém. Pelo contrário, sentia apenas dó de todos e tudo.

Desde o comecinho, devo ter-me treinado para não querer nada muito a sério. Desde o comecinho fui independente, de uma maneira falsa. Não precisava de ninguém, pois queria ser livre, livre para fazer e dar apenas o que ditassem meus caprichos. Assim que se esperava ou exigia alguma coisa de mim, eu dava para trás. Foi a forma que assumiu minha independência. Era corrupto, em outras palavras, corrupto desde o começo. Era como se no leite da minha mãe houvesse veneno, e embora eu tenha sido desmamado cedo, o veneno jamais deixou meu organismo. Até mesmo quando ela me desmamou, parece que fiquei completamente indiferente: a maioria das crianças se rebela, ou finge rebelar-se, mas eu estava cagando. Era um filósofo quando ainda usava fraldas. Eu era contra a vida, por princípio. Que princípio? O princípio da futilidade. Todos à minha volta se empenhavam. Eu mesmo jamais fiz o menor esforço. Se parecia fazer algum esforço, era apenas para agradar a alguém; no fundo, estava cagando mesmo. E se você puder me dizer por que tinha de ser assim, eu nego, porque nasci com o diabo no corpo, e ninguém pode eliminá-lo. Soube mais tarde, quando já adulto, que tiveram um trabalho do cão para me arrancar do ventre. Entendo isso perfeitamente. Por que me mexer? Por que sair de um lugar quente e bacana, um aconchegante retiro onde nos oferecem tudo de graça? A mais antiga lembrança que tenho é do frio, da neve e do gelo na sarjeta, da geada nas vidraças da janela, do frio das suadas paredes verdes da cozinha. Por que as pessoas vivem em climas bárbaros nas zonas *temperadas*, como são equivocadamente chamadas? Porque são naturalmente idiotas, naturalmente preguiçosas, naturalmente covardes. Até cerca dos dez anos de idade, jamais compreendi que havia países “quentes”, lugares onde não se tinha de ganhar a vida com o suor, nem tremer de frio e fingir que isso era tônico e excitante. Onde quer que haja frio, há pessoas que ralam até reduzir-se a ossos, e quando produzem filhos rezam para eles o

evangelho do trabalho — que não passa, no fundo, da doutrina da inércia. Minha gente era inteiramente nórdica, o que quer dizer *idiotas*. Tinham todas as ideias erradas já expostas. Entre elas, a doutrina da limpeza, para não falar da retidão. Eles eram afluente limpos. Mas por dentro fediam. Nem uma vez haviam aberto a porta que dá para a alma; nem uma vez sonharam em dar um salto no escuro. Após o jantar, os pratos eram prontamente lavados e guardados no armário; depois que liam o jornal, dobravam-no direitinho e guardavam-no numa estante; depois que lavavam as roupas, passavam-nas a ferro, dobravam-nas e as guardavam nas gavetas. Tudo era para amanhã, mas o amanhã jamais chegava. O presente não passava de uma ponte, e nessa ponte eles ainda gemem, como geme o mundo, e nenhum idiota jamais pensa em explodi-la.

Em meu ressentimento, muitas vezes busquei motivos para condená-los, a melhor forma de condenar a mim mesmo. Pois também sou como eles, em muitos aspectos. Durante muito tempo pensei que havia escapado, mas com o passar do tempo vejo que não sou melhor, que sou até um pouco pior, porque via com mais clareza que eles e ainda assim continuava impotente para alterar minha vida. Quando olho para trás, parece-me que jamais fiz nada por vontade própria, mas sempre por pressão de outros. As pessoas muitas vezes me acham um cara aventureiro; nada pode estar mais longe da verdade. Minhas aventuras sempre foram adventícias, sempre empurradas para cima de mim, sempre mais suportadas do que empreendidas. Sou a essência mesma daquele povo nórdico orgulhoso, prepotente, que jamais teve o mínimo senso de aventura, mas ainda assim flagelou a terra, virou-a de cabeça para baixo, espalhando relíquias e ruínas por toda parte. Espíritos inquietos, mas não aventureiros. Espíritos agonizantes, incapazes de viver no presente. Vergonhosos covardes, todos eles, eu próprio incluído. Pois só há uma grande aventura, e esta é para dentro do eu, e para isso nem tempo, nem espaço, ou mesmo atos contam.

Com alguma frequência estive perto de fazer essa descoberta, mas de forma característica sempre consegui me esquivar da questão. Se tento

pensar numa boa desculpa, só consigo pensar no meio em que vivi, nas ruas que conheci e nas pessoas que as habitavam. Não me lembro de rua nenhuma nos Estados Unidos, ou de pessoas que as tenham habitado, capazes de levar alguém à descoberta do eu. Percorri as ruas de muitos países do mundo, mas em parte alguma me senti tão degradado e humilhado quanto nos Estados Unidos. Penso em todas as ruas dos Estados Unidos, juntas, como que formando uma imensa fossa, uma fossa do espírito, na qual tudo é sugado e esgotado em duradoura merda. Sobre essa fossa, o espírito do trabalho agita uma varinha mágica; palácios e fábricas brotam lado a lado, assim como indústrias de munição e pólvora, siderúrgicas, sanatórios, prisões e asilos de doidos. Todo o continente é um pesadelo a produzir a maior infelicidade do maior número de pessoas. Fui numa delas, uma entidade única no meio da maior patuscada de riqueza e felicidade (riqueza estatística, felicidade estatística), mas nunca encontrei alguém realmente rico ou realmente feliz. Pelo menos eu sabia que era infeliz, pobre, mal-humorado e fora de compasso. Era o meu único consolo, a minha única alegria. Mas dificilmente bastava. Teria sido melhor para a minha paz de espírito, para a minha alma, se tivesse manifestado abertamente minha rebelião, se fosse para a cadeia por isso, se nela tivesse apodrecido e morrido. Teria sido melhor se, como o louco Czolgosz, tivesse atirado em algum bom presidente McKinley, uma alma delicada e insignificante como aquela, que jamais fez o menor mal a ninguém. Porque no fundo do meu coração havia assassinato: eu queria ver os Estados Unidos destruídos, arrasados de cima a baixo. Queria ver isso acontecer de pura vingança, como expiação pelos crimes cometidos contra mim e outros como eu, que jamais conseguiram erguer a voz e manifestar seu ódio, sua revolta, sua legítima sede de sangue.

Eu era o fruto ruim de um solo ruim. Se o ego não fosse imprecável, o “eu” sobre o qual escrevo teria sido destruído muito tempo atrás. Para alguns, isso deve soar como invenção, mas o que imagino que aconteceu, de fato aconteceu, *pelo menos para mim*. A história pode me contradizer, já que não desempenhei papel algum na história de minha gente, mas

ainda que tudo o que eu diga seja errado, preconceituoso, desprezível, maligno, mesmo que eu seja um mentiroso e envenenador, ainda assim é a verdade e ela vai ter de ser engolida.

Quanto ao que aconteceu...

Tudo que acontece, quando importante, é assim como uma contradição. Até aparecer aquela para quem escrevo isto, eu imaginava que em algum lugar por aí, na vida, como dizem, estava a solução para tudo. Pensava, quando dei com ela, que me apoderava da vida, agarrava uma coisa que podia morder. Em vez disso, perdi completamente o controle da vida. Procurei alguma coisa a que me ligar — e não encontrei nada. Mas ao procurar, no esforço de agarrar-me, ligar-me a algo, perdido como estava, ainda assim encontrei o que não procurava — *eu mesmo*. Descobri que o que desejara a vida toda não fora viver — se o que os outros fazem se chama viver — mas me expressar. Percebi que jamais tivera o mínimo interesse em viver, mas só naquilo que faço agora, uma coisa paralela à vida, ao mesmo tempo parte dela, e além dela. O que é verdade me interessa muito pouco, mesmo o que é real; só me interessa o que imagino ser, aquilo que sufoquei todo dia para viver. Se eu morresse hoje ou amanhã, não teria a menor importância para mim, nunca teve, mas o fato de mesmo hoje, após anos de esforço, não poder dizer o que penso e sinto, é algo que me incomoda, me exaspera. Desde a infância me vejo no caminho desse espectro, sem desfrutar nada, sem desejar nada além desse poder, dessa capacidade. Tudo o mais é mentira — tudo que já fiz ou disse que não levava isso em conta. E isso é, sem dúvida, a maior parte da minha vida.

Eu era uma contradição em essência, como dizem. As pessoas me julgavam sério e nobre, ou alegre e irresponsável, ou sincero e grave, ou negligente e descuidado. Eu era tudo isso ao mesmo tempo — e além disso, eu era mais uma coisa, uma coisa que ninguém desconfiava, muito

menos eu. Quando menino de seis ou sete anos, sentava-me à bancada de trabalho de meu avô e lia para ele enquanto ele costurava. Lembro-me vividamente dele nesses momentos em que, apertando o ferro quente sobre a costura de um paletó, punha uma das mãos sobre a outra e olhava sonhadoramente pela janela. Lembro-me da expressão do seu rosto, ali parado a devanear, melhor que o conteúdo dos livros que eu lia, melhor que as conversas que tínhamos ou minhas brincadeiras na rua. Eu ficava imaginando com o que ele sonhava, o que o puxava para fora de si mesmo. Ainda não aprendera a sonhar de olhos abertos. Era sempre lúcido, presente e inteiriço. Os devaneios dele me fascinavam. Eu sabia que ele não tinha ligação com o que fazia, não dava a mínima para nenhum de nós, era só, e sendo só, era livre. Eu jamais estava só, menos ainda quando sozinho. Parece-me que sempre vivia acompanhado: como um farelo num queijo grande, que era o mundo, creio, embora eu jamais parasse para pensar nisso. Mas sei que jamais existi separadamente, jamais me julguei o grande queijo, por assim dizer. De modo que, mesmo quando tinha motivo para estar infeliz, me queixar, chorar, tinha a ilusão de participar de uma infelicidade comum, universal. Quando eu chorava, o mundo todo chorava — assim eu imaginava. Raras vezes eu chorava. Na maioria do tempo era feliz, ria, me divertia. Divertia-me porque, como disse antes, realmente estava cagando para tudo. Estava convencido de que, se as coisas davam errado comigo, davam errado em toda parte. E em geral, as coisas só davam errado quando a gente se preocupava demais. Isso ficou gravado em mim muito cedo na vida. Por exemplo, lembro-me do caso de meu jovem amigo Jack Lawson. Durante todo um ano ele ficou de cama, sofrendo as piores agonias. Era meu melhor amigo, pelo menos era o que diziam. Bem, a princípio provavelmente me preocupei com ele, e talvez de vez em quando ligasse para sua casa para perguntar a seu respeito; mas depois de um ou dois meses, fiquei inteiramente insensível a seu sofrimento. Disse a mim mesmo que ele precisava morrer, e o quanto antes, e depois de pensar isso, agi de acordo: quer dizer, esqueci-o na hora, abandonei-o à sua sorte. Eu tinha apenas

doze anos na época, e lembro-me que senti orgulho de minha decisão. Lembro-me também do funeral — que coisa vergonhosa foi. Lá estavam eles, amigos e parentes, todos em volta do caixão e tagarelando como macacos doidos. A mãe, sobretudo, era um pé no saco. Uma criatura muito diáfana, espiritual, adepta da Ciência Cristã, creio, e embora não acreditasse na doença nem na morte, fez um tal escarcéu que o próprio Cristo teria ressuscitado da cova. Mas não o seu querido Jack! Não, Jack jazia ali, frio como gelo, rígido e impassível. Estava morto e não tinha jeito. Eu sabia disso e me sentia contente. Não desperdicei minhas lágrimas com o fato. Não podia dizer se ele estava melhor ou pior, porque afinal “ele” desaparecera. *Ele se fora*, levando consigo os sofrimentos que suportara e que sem querer infligira aos outros. Amém!, disse comigo mesmo e, com isso, estando ligeiramente histérico, soltei um sonoro peido — bem ao lado do caixão.

Esse excesso de preocupação, lembro que só me surgiu mais ou menos na época em que me apaixonei pela primeira vez. E, mesmo então, não me preocupei o bastante. Se me tivesse preocupado de fato, não estaria aqui escrevendo a respeito: teria morrido de coração partido, ou teria me enforcado. Foi uma experiência ruim, porque me ensinou a viver uma mentira. Ensinou-me a sorrir quando não queria sorrir, a trabalhar quando não acreditava no trabalho, a viver quando não tinha motivo algum para seguir vivendo. Mesmo quando a esqueci, ainda guardava o segredo de fazer aquilo em que não acreditava.

Era tudo caos desde o princípio, como disse. Mas algumas vezes cheguei tão perto do centro, do coração mesmo da confusão, que é um assombro que tudo não tenha explodido à minha volta.

Costuma-se culpar a guerra por tudo. Digo que a guerra nada teve a ver comigo, com minha vida. Numa época em que outros arranjavam nichos confortáveis, eu pegava um emprego desgraçado atrás do outro, sem jamais ganhar o suficiente para manter corpo e alma juntos. Despediam-me quase tão rápido quanto me contratavam. Eu era muito inteligente, mas inspirava desconfiança. Aonde ia, fomentava a discórdia

— não por ser idealista, mas porque parecia um farol expondo a idiotice e a futilidade de tudo. Além disso, não era bom puxa-saco. Isso me marcou, sem dúvida. As pessoas sabiam logo, quando eu entrava e pedia um emprego, que na verdade estava cagando se ia conseguir ou não. E claro que em geral não conseguia. Mas após algum tempo, a simples procura de emprego se tornou uma atividade, um passatempo, por assim dizer. Entrava e pedia quase qualquer coisa. Era uma maneira de matar o tempo — não pior, até onde eu via, do que o próprio trabalho. Era eu o meu próprio patrão e estipulava meu próprio horário, mas ao contrário dos outros patrões, obtinha apenas minha própria ruína, a minha própria falência. Eu não era uma corporação, um truste, uma empresa estatal ou federal, nem um órgão multinacional — estava mais para Deus, talvez.

Isso continuou de mais ou menos a metade da guerra até... bem, até o dia em que me vi encurralado. Chegou por fim o dia em que eu quis desesperadamente um emprego. Precisava dele. Sem mais um minuto a perder, decidi pegar o último emprego da terra, o de mensageiro. Entrei no departamento de contratações da empresa de telégrafo — a Companhia Telegráfica Cosmodemônica da América do Norte — lá pelo final do dia, disposto a ir até o fim. Acabava de deixar a biblioteca pública e trazia debaixo do braço uns gordos livros de economia e metafísica. Para meu grande pasmo, negaram-me o emprego.

O cara que me recusou era um baixinho que cuidava da mesa telefônica. Pareceu me tomar por universitário, embora estivesse bem claro pelo meu pedido que eu havia muito deixara a faculdade. Até me vangloriei no pedido com um diploma de Ph.D. da Universidade de Columbia. Aparentemente isso passou despercebido, ou foi encarado com suspeita pelo baixinho que me rejeitou. Fiquei furioso, tanto mais porque, uma vez na vida, estava falando sério. Não apenas isso, mas engolira meu orgulho, que em certos aspectos estranhos é muito grande. Minha esposa, claro, deu o costumeiro risinho de escárnio. Disse que eu tinha feito aquilo apenas como um gesto. Fui para a cama pensando nisso, ainda ardendo, ficando cada vez mais furioso à medida que a noite passava. O fato de ter mulher e filho para sustentar

não me incomodava tanto; as pessoas não nos ofereciam emprego porque tínhamos família para sustentar, até aí eu entendia muito bem. Não, o que me exasperava era que haviam rejeitado a *mim*, Henry V. Miller, um indivíduo competente e superior, que pedira o emprego mais baixo do mundo. Isso me enfurecia. Eu era incapaz de suportar. Pela manhã, levantei-me cedo, animado, fiz a barba, pus as melhores roupas e disparei para o metrô. Dirigi-me imediatamente ao escritório principal da companhia telegráfica... até o 25º andar ou onde fosse que o presidente e o vice-presidente tivessem os seus cubículos. Pedi para ver o presidente. Claro que o presidente ou se achava fora da cidade ou ocupado demais para me receber, mas eu não faria questão de falar com o vice-presidente ou seu secretário. Vi o secretário do vice-presidente, um cara inteligente e respeitoso, e despejei tudo em cima dele. Fiz isso com jeito, sem me esquentar demais, mas levando-o a entender que eu não seria descartado assim tão fácil.

Quando ele pegou o telefone e chamou o gerente-geral, achei que era só uma piada, que iam me mandar de um para outro até que eu me enchesse. Mas assim que o ouvi falar mudei de opinião. Quando cheguei ao gabinete do gerente-geral, que ficava em outro prédio na zona norte, já me esperavam. Sentei-me numa confortável poltrona de couro e aceitei um dos grandes charutos que me foram oferecidos. O indivíduo logo demonstrou um interesse vital no assunto. Queria que lhe contasse tudo, até o último detalhe, as grandes orelhas peludas voltadas para captar o menor farelo de informação que justificasse qualquer coisa formulada dentro de sua cabeça. Percebi que, por algum acaso, eu fora realmente essencial e lhe prestara um serviço. Eu o deixei arrancar de mim o que satisfizesse a sua fantasia, observando o tempo todo para que lado o vento soprava. E à medida que a conversa avançava, notei que ele simpatizava cada vez mais comigo. Finalmente alguém começava a mostrar um pouco de confiança em mim! Era só do que eu precisava para iniciar uma de minhas táticas favoritas. Pois, após anos de caça ao emprego, naturalmente me tornara muito competente: sabia não apenas o que *não* dizer, mas também o que sugerir, insinuar. Logo o gerente-geral auxiliar foi chamado a ouvir minha

história. A essa altura eu sabia qual era a história. Compreendi que Hymie — “aquele judeuzinho”, como o chamava o gerente-geral — não tinha que fingir que era o homem do emprego. Usurpara a prerrogativa, até aí estava claro. Também estava claro que ele era judeu, e os judeus estavam em maus lençóis com o gerente-geral e com o sr. Twilliger, o vice-presidente, um espinho na garganta do gerente-geral.

Talvez fosse Hymie, “aquele judeuzinho sujo”, o responsável pela alta porcentagem de judeus no quadro de mensageiros. Talvez fosse ele quem realmente contratasse no departamento de emprego — a Casa Crepuscular, como chamavam. Depreendi que era uma excelente oportunidade para o sr. Clancy, o gerente-geral, de derrubar um certo sr. Burns que, informou-me o sr. Clancy, já era o gerente de contratações havia trinta anos e, evidentemente, começava a ficar preguiçoso no serviço.

A reunião durou várias horas. Antes de terminar, o sr. Clancy me chamou a um lado e informou que ia fazer de *mim* o chefe da coisa. Antes de me pôr no cargo, porém, ia me pedir como um favor especial, e também uma espécie de aprendizado para me deixar em boa posição, que trabalhasse como mensageiro especial. Receberia o salário de gerente de contratações, mas pago numa conta separada. Em suma, eu tinha de flutuar de departamento em departamento e observar como todos faziam tudo. Faria um pequeno relatório de tempos em tempos sobre como iam as coisas. E de vez em quando, sugeri, devia visitá-lo discretamente em sua casa e ter uma conversinha sobre as condições nas 101 filiais da Companhia Telegráfica Cosmodemônica na Cidade de Nova York. Em outras palavras, ia ser espião por alguns meses e depois administrar a espelunca. Talvez também me fizessem gerente-geral um dia, ou um vice-presidente. Era uma oferta tentadora, mesmo vindo embrulhada num monte de merda. Respondi Sim.

Em poucos meses estava sentado na Casa Crepuscular, contratando e demitindo feito um demônio. Era um matadouro, Deus me perdoe. A coisa não tinha sentido algum, de cima a baixo. Um desperdício de homens, material e trabalho. Uma farsa hedionda contra um pano de

fundo de suor e infelicidade. Mas, assim como aceitara espionar, aceitei contratar e demitir, e tudo o que vinha junto. Disse Sim a tudo. Se o vice-presidente decretava que não se contratavam aleijados, eu não contratava aleijados. Se o vice-presidente mandava demitir todos os mensageiros de mais de 45 anos sem aviso prévio, eu os demitia sem aviso prévio. Fazia tudo o que me instruíam a fazer, mas de um modo que tinham de pagar por isso. Quando houve uma greve, cruzei os braços e esperei passar. Mas primeiro dei um jeito de que isso lhes custasse uma boa grana. Todo o sistema era tão podre, tão desumano, tão imundo, tão irremediavelmente corrupto e complicado, que seria preciso um gênio para impor-lhe alguma ordem, sem falar em bondade ou consideração humanas. Eu era contra todo o sistema americano de trabalho, podre dos dois lados. Eu era a quinta roda no vagão e nenhum dos lados precisava de mim, a não ser para me explorar. Na verdade, todos eram explorados — o presidente e sua gangue por forças ocultas, os empregados pelos superiores, e assim por diante naquela coisa toda. Do meu pequeno poleiro na Casa Crepuscular, eu tinha uma visão panorâmica de toda a sociedade americana. Era como uma página arrancada de uma lista telefônica. Alfabeticamente, numericamente, estatisticamente, fazia sentido. Mas quando se olhava de perto, quando se examinavam as páginas em separado, ou as partes em separado, quando se examinava um indivíduo solitário e o que o constituía, o ar que ele respirava, a vida que levava, os riscos que assumia, via-se uma coisa tão fedorenta e degradante, tão baixa, tão infeliz, tão absolutamente irremediável e sem sentido, que era pior do que olhar dentro de um vulcão. Via-se toda a vida americana — econômica, política, moral, espiritual, artística, estatística e patologicamente. Parecia um grande cancro num pau gasto. Pior ainda, na verdade, porque nem se via mais nada que parecesse um pau. Talvez antes aquilo tivesse vida, produzisse alguma coisa, desse ao menos um momento de prazer, um momento de excitação. Mas olhando-o de onde me sentava, parecia mais podre que o queijo mais cheio de vermes. O espantoso era que o fedor não os tivesse matado... Estou usando a conjugação no passado,

mas é a mesma coisa agora, talvez até mesmo um pouquinho pior. Pelo menos agora sentimos todo o fedor.

Quando Valeska entrou em cena, eu havia contratado várias tropas de mensageiros. Meu gabinete na Casa Crepuscular parecia um esgoto a céu aberto, e fedia do mesmo jeito. Eu me enterrara na trincheira da primeira linha e era atingido de todos os lados. Para começar, o homem que eu substituíra morreu de desilusão poucas semanas depois da minha chegada. Aguentou só o bastante para me treinar e bateu as botas. Tudo aconteceu tão depressa que não tive chance de me sentir culpado. Assim que chegava ao departamento, era um longo e ininterrupto pandemônio. Uma hora antes de minha chegada — eu vivia chegando atrasado —, o lugar já fervilhava de candidatos. Tinha de abrir o caminho a cotoveladas para subir as escadas e literalmente forçar a passagem para chegar à minha escrivaninha. Antes de poder tirar o chapéu, tinha de atender uma dezena de telefonemas. Havia três telefones na mesa, e todos tocavam ao mesmo tempo. Me deixavam puto, antes mesmo de me sentar para trabalhar. Não tinha nem tempo de dar uma cagada — até às cinco ou seis da tarde. Hymie achava-se em pior situação do que eu, porque estava preso à central telefônica. Sentava-se ali das oito da manhã até às seis da tarde, mandando guias de um lado para outro. O guia era um mensageiro emprestado de um departamento por um dia ou parte de um dia. Nenhum dos 101 departamentos jamais tivera uma equipe completa; Hymie tinha de jogar xadrez com os guias, enquanto eu trabalhava feito louco para tapar os buracos. Se por milagre conseguia num dia preencher todas as vagas, na manhã seguinte a situação estava exatamente a mesma — ou pior. Talvez 20% da força fossem estáveis; o resto era flutuante. Os estáveis expulsavam os novatos. Os estáveis ganhavam de quarenta a cinquenta dólares por semana, às vezes sessenta ou setenta e cinco, às vezes até cem dólares por semana, o que significa que ganhavam muito mais do que os escriturários, e frequentemente mais do que seus próprios supervisores. Quanto aos novos, tinham dificuldade para ganhar dez dólares por semana. Alguns deles trabalhavam uma hora e

desistiam, às vezes jogando um maço de telegramas na lata de lixo ou na sarjeta. E sempre que desistiam, queriam o salário imediatamente, o que era impossível, porque na complicada contabilidade reinante, ninguém sabia o que um mensageiro ganhara até pelo menos dez dias depois. No início, eu convidava o candidato a sentar-se perto de mim e explicava tudo em detalhe. Fazia isso até perder a voz. Logo aprendi a poupar a força para o interrogatório necessário. Para começar, um em cada dois garotos era um mentiroso nato, se não trapaceiro, ainda por cima. Muitos deles já haviam sido contratados e demitidos várias vezes. Alguns achavam aquela uma maneira excelente de encontrar outro emprego, porque o serviço os levava a centenas de escritórios em que normalmente jamais teriam posto os pés. Por sorte McGovern, o velho de confiança que guardava a porta e distribuía os formulários de inscrição, tinha um olho de câmara. E também havia os grandes livros-mestres às minhas costas, que continham um registro de todo candidato que já passara por ali. Os livros pareciam muito mais um fichário policial; estavam cheios de marcas vermelhas, indicando essa ou aquela delinquência. A julgar pelos indícios, eu me achava num lugar difícil. Um em cada dois nomes envolvia um roubo, uma fraude, uma briga de rua, ou demência, perversão ou idiotismo. “Cuidado, fulano é epilético!” “Não contrate este homem, é negro!” “Cuidado, X esteve na prisão de Dannemora ou então em Sing Sing.”

Se eu me apegasse às normas, ninguém jamais teria sido contratado. Tive de aprender rápido, e não com os registros nem com os que me cercavam, mas por experiência própria. Havia mil e um detalhes pelos quais julgar um candidato: eu tinha de percebê-los todos de uma vez, e rápido, porque num curto dia, mesmo se fosse rápido como Jack Robinson, só se pode contratar um certo número, e não mais. E por mais que eu contratasse, nunca era o bastante. No dia seguinte, começaria tudo outra vez. Alguns eu sabia que só durariam um dia, mas tinha de contratá-los mesmo assim. O sistema estava errado do princípio ao fim, mas não cabia a mim criticá-lo. Cabia-me contratar e demitir. Eu era o centro de

um disco a girar, que girava tão rápido que nada ficava parado. O que se precisava era de um mecânico, mas segundo a lógica dos de cima, nada havia de errado com o mecanismo, tudo estava ótimo e magnífico, só que as coisas se achavam temporariamente fora de ordem. E estas coisas temporariamente fora de ordem causava epilepsia, roubo, vandalismo, perversão, negros, judeus, prostitutas e que sei eu — às vezes greves e locautes. Portanto, segundo essa lógica, pegava-se uma grande vassoura e varria-se o estábulo, ou porretes e armas de fogo, e metia-se juízo na porrada em pobres idiotas que sofriam da ilusão de que tudo estava fundamentalmente errado. Era útil de vez em quando falar em Deus, ou mesmo ter um pequeno coro comunitário — talvez até uma bonificação se justificasse de vez em quando, quer dizer, quando as coisas estavam tão terrivelmente ruins que as palavras não adiantavam. Mas no todo, o importante era continuar contratando e demitindo; enquanto houvesse homens e munição, tínhamos de avançar, continuar limpando as trincheiras. Enquanto isso, Hymie continuava tomando purgantes — o suficiente para explodir-lhe o rabo se ele tivesse rabo, mas não tinha mais, apenas imaginava que estava dando uma cagada, apenas imaginava que estava cagando sentado na latrina. Na verdade, o pobre homem entrara em transe. Havia 101 departamentos para cuidar, e cada um com sua equipe de mensageiros mítica, senão hipotética, e quer os mensageiros fossem reais ou irreais, tangíveis ou intangíveis, Hymie tinha de embarhá-los da manhã à noite, enquanto eu tapava os buracos, também imaginários, pois quem poderia dizer, quando se mandava um recruta a um departamento, se ele chegaria lá naquele dia, no seguinte ou nunca? Alguns se perdiam no metrô ou nos labirintos sob os arranha-céus; alguns rodavam pela linha do elevador de trem o dia todo porque, com o uniforme, a viagem era de graça e talvez jamais houvessem tido o prazer de viajar de um lado para outro o dia todo nas linhas elevadas. Alguns partiam para Staten Island e acabavam em Canarsie, ou então eram trazidos de volta em coma por um tira. Alguns esqueciam onde

moravam e desapareciam completamente. Alguns que contratamos para Nova York foram aparecer na Filadélfia um mês depois, como se fosse normal. Alguns saíam para um destino e no caminho decidiam que era mais fácil vender jornais e passavam a vendê-los, com o uniforme que lhes dávamos, até serem apanhados. Alguns iam direto para o pavilhão de observação, movidos por algum estranho instinto de preservação.

Quando chegava pela manhã, Hymie primeiro apontava seus lápis; fazia isso religiosamente, por mais que o telefone tocasse, porque, como me explicou depois, se não apontasse os lápis primeiro, jamais seriam apontados. O passo seguinte era dar uma olhada pela janela e ver como estava o tempo. Depois, com um lápis recém-apontado, fazia um quadrado no alto da lousa que mantinha ao seu lado e nele escrevia a previsão do tempo. Isso, também me informou, muitas vezes se revelava um álibi útil. Se a neve estivesse com trinta centímetros de altura, ou o chão coberto de granizo, até o próprio diabo seria desculpado por não distribuir os guias com mais rapidez, e o gerente de contratações também podia ser desculpado por não tapar os buracos nesses dias, não? Mas por que não dava uma cagada primeiro, em vez de grudar-se na central telefônica, assim que tinha os lápis apontados, era um mistério para mim. Também isso ele me explicou depois. De qualquer modo, o dia sempre desandava em confusão, queixas, prisão de ventre e vagas. Também começava com peidos sonoros e fedorentos, mau hálito, nervos em pandarecos, epilepsia, meningite, baixos salários, salários atrasados e há muito vencidos, sapatos gastos, calos e joanetes, pés chatos e arcadas quebradas, carteiras desaparecidas e canetas-tinteiros perdidas ou roubadas, telegramas flutuando na sarjeta, ameaças do vice-presidente e conselho dos gerentes, brigas e disputas, aguaceiros e cabos de telégrafo partidos, novos métodos de eficiência e antigos que haviam sido abandonados, esperança de tempos melhores e uma prece pela gratificação que jamais vinha. Os novos mensageiros escalavam a borda e eram metralhados; os velhos cavavam cada vez mais fundo,

como ratos num queijo. Ninguém estava satisfeito, sobretudo o público. Levava-se dez minutos para alcançar São Francisco pelo telégrafo, mas podia levar um ano para mandar a mensagem ao homem a quem se destinava — ou talvez jamais chegasse.

A Associação Cristã de Moços, ávida por melhorar o moral dos meninos trabalhadores em toda parte nos Estados Unidos, fazia reuniões ao meio-dia e será que eu não gostaria de mandar alguns garotos arumadinhos para ouvir William Carnegie Asterbilt Junior fazer uma palestra de cinco minutos sobre o serviço? O sr. Mallory, da Liga de Bem-Estar, gostaria de saber se eu tinha alguns minutos para me falar dos prisioneiros-modelo na condicional e que teriam prazer em servir em qualquer posto, mesmo como mensageiros. A sra. Guggenhoffer, das Beneficências Judaicas, ficaria muito agradecida se eu a ajudasse a manter alguns lares que se haviam desfeito porque todos na família estavam doentes, ou aleijados ou incapacitados. O sr. Haggerty, do Lar de Meninos Fugidos, tinha certeza de que podia me oferecer exatamente os meninos certos, se eu lhes desse uma chance; todos haviam sido maltratados pelos padrastos ou madrastas. O prefeito de Nova York ficaria muitíssimo grato se eu desse minha atenção pessoal ao portador da referida carta, que ele endossava de todas as formas — mas por que diabos ele mesmo não dava emprego ao referido portador, era um mistério. O homem curvado sobre meu ombro me entrega uma tira de papel na qual acabou de escrever — “Mim entender tudo, mas mim não ouve as vozes”. Luther Winifred está de pé a seu lado, o paletó esfrangalhado fechado com grampos de segurança. Luther é dois sétimos índio puro e cinco sétimos germano-americano, explica. Pelo lado índio é um *crow*, dos *crows* de Montana. Seu último emprego foi de instalador de persianas, mas suas calças não têm fundilhos e ele se envergonha de subir em uma escada diante de uma senhora. Deixou o hospital outro dia e ainda está meio fraco, mas não demais para levar mensagens, acha.

E há ainda Ferdinand Mish — como posso tê-lo esquecido? Vem esperando na fila a manhã toda para ter uma palavrinha comigo. Jamais

respondi às cartas que me enviou. Era isso justo?, pergunta-me com jeito brando. Claro que não. Lembro-me vagamente da última carta que me mandou do Hospital de Cães e Gatos, na Grand Concourse, onde era atendente. Dizia arrepender-se de haver abandonado o posto, “mas foi porque seu pai era severo demais com ele, não lhe proporcionando nenhuma recreação ou prazer ao ar livre”. “Já tenho 25 anos”, escreveu, “e acho que não devia mais dormir com meu pai, não é? Eu sei que o senhor é tido como um cavalheiro muito fino e agora só dependo de mim mesmo, portanto espero...” McGovern, o velho de confiança, está parado ao lado de Ferdinand à espera de que eu lhe faça o sinal. Quer mandar Ferdinand passear — lembra-o de cinco anos atrás, quando ele se deitou na calçada diante do departamento central, de uniforme completo, e teve um ataque epiléptico. Não, merda, não posso fazer isso! Vou dar-lhe uma chance, pobre-diabo. Talvez o mande a Chinatown, onde tudo é muito tranquilo. Nesse meio tempo, enquanto Ferdinand põe o uniforme no quarto dos fundos, ouço a choradeira de um menino órfão que quer “fazer da empresa um sucesso”. Diz que se eu lhe der uma chance, vai rezar por mim todo domingo quando for à igreja, menos nos domingos em que tem de se apresentar ao seu agente da condicional. Não fez nada, ao que parece. Apenas empurrou o cara e o cara caiu de cabeça e morreu. *Próximo*: um ex-cônsul de Gibraltar. Tem uma bela letra — bela demais. Peço-lhe que me procure no fim do dia — há nele alguma coisa escusa. Enquanto isso, Ferdinand dá um ataque no vestiário. Golpe de sorte! Se houvesse acontecido no metrô, com o número no boné e tudo, eu seria demitido. *Próximo*: um cara com um braço só e puto da vida porque McGovern está lhe mostrando a porta.

— Que diabo! Eu sou forte e saudável, não sou? — ele berra, e para provar pega uma cadeira com o braço bom e a faz em pedaços.

Volto à escrivania e um telegrama me espera. Abro-o. É de George Blasini, ex-mensageiro nº 2.459, do departamento sudoeste. “Sinto haver desistido tão cedo, mas o emprego não era adequado à indolência do meu caráter e eu sou um verdadeiro amante do trabalho e da frugalidade mas

muitas vezes não conseguimos controlar ou submeter nosso orgulho pessoal.” Merda!

No início fiquei entusiasmado, apesar das duchas frias que vinham de cima e dos apertos por que passava embaixo. Eu tinha ideias e as executava, quer agradassem o vice-presidente ou não. A cada dez dias mais ou menos, era chamado às falas e ouvia um sermão por ter “um coração grande demais”. Jamais tive dinheiro algum no bolso, mas usava à vontade o dos outros. Enquanto fosse o chefe, teria crédito. Distribuía dinheiro a torto e a direito; dei minhas roupas de cima e de baixo, meus livros, tudo que era supérfluo. Se tivesse poder, daria a empresa aos pobres coitados que me importunavam. Se me pediam dez centavos eu dava meio dólar, se me pediam um dólar, dava cinco. Estava cagando para o quanto dava, porque era mais fácil tomar emprestado e dar do que recusar aos pobres coitados. Nunca vi tanta infelicidade em minha vida, e espero nunca tornar a ver. Os homens são pobres em toda parte — sempre foram e sempre serão. E por baixo dessa terrível pobreza há uma chama, em geral tão fraca que chega a ser invisível. Mas está ali, e se alguém tiver a coragem de soprá-la, pode tornar-se uma conflagração. Viviam me exortando a não ser tolerante, sentimental nem caridoso demais. Seja firme! Seja duro!, advertiam-me. Foda-se!, eu dizia a mim mesmo, vou ser generoso, maleável, misericordioso, tolerante, carinhoso. No início ouvia todo mundo até o fim; se não podia dar um emprego a alguém, dava-lhe dinheiro, e se não tinha dinheiro, dava-lhe cigarros ou coragem. Mas dava! O efeito era estonteante. Ninguém pode avaliar os resultados de uma boa ação, de uma palavra bondosa. Eu era inundado de gratidão, bons augúrios, convites, presentinhos patéticos e carinhosos. Se tivesse poder de fato, em vez de ser a quinta roda numa carroça, sabe Deus o que poderia haver realizado. Poderia usar a Companhia Telegráfica Cosmodemônica da América do Norte como base para levar toda a humanidade a Deus; transformar as Américas do Norte e do Sul igualmente, e também o Domínio do Canadá. Tinha o segredo na mão: ser generoso, bondoso, paciente. Fazia o trabalho de cinco homens. Mal dormi durante três anos.

Não tinha uma camisa inteira, e muitas vezes sentia tanta vergonha de pedir dinheiro emprestado à minha esposa, ou assaltar o cofrinho da criança que, para conseguir a passagem e ir ao trabalho de manhã, roubava o jornaleiro cego na estação do metrô. Devia tanto dinheiro a todo mundo que mesmo trabalhando durante vinte anos não poderia pagar. Tomava dos que tinham e dava aos que não tinham, e era o certo, e eu faria tudo de novo se me visse na mesma posição.

Cheguei a realizar o milagre de deter a louca rotatividade, coisa que ninguém se atrevera a esperar. Em vez de apoiar meus esforços, solaparam-me. Segundo a lógica dos de cima, a rotatividade havia cessado porque os salários eram altos demais. Por isso os cortaram. Foi como chutar o fundo de um balde. Todo o edifício desabou, desmoronou em minhas mãos. E como se nada houvesse acontecido, insistiram em que os buracos fossem tapados imediatamente. Para amaciar um pouco a porrada, sugeriram que eu podia até aumentar a porcentagem de judeus, aceitar um aleijado de vez em quando, se ele fosse capaz, podia fazer isso e aquilo, tudo o que antes me haviam informado ser contra o código. Fiquei tão furioso que contratei todo e qualquer tipo de gente. Teria aceito broncos e gorilas se lhes pudesse inculcar a módica quantidade de inteligência necessária para entregar mensagens. Poucos dias antes, havia apenas cinco ou seis vagas na hora de fechar. Agora havia trezentas, quatrocentas, quinhentas — eles escapavam feito areia. Era maravilhoso. Eu me sentava ali e, sem fazer uma pergunta, admitia-os às carradas — negros, judeus, paralíticos, aleijados, ex-convictos, prostitutas, maníacos, pervertidos, idiotas, qualquer fodido que pudesse sustentar-se nas duas pernas e segurar um telegrama na mão. Os gerentes dos 101 departamentos ficaram mortos de medo. Eu ria. Ria o dia todo, pensando na fedorenta bagunça que fazia daquilo. Reclamações brotavam de toda parte da cidade. O serviço estava deficiente, constipado, estrangulado. Uma mula teria chegado mais rápido ao destino do que alguns dos idiotas que pus no batente.

A melhor coisa da nova jornada foi a introdução de mensageiras. Mudou toda a atmosfera da espelunca. Para Hymie, em particular, foi uma

dádiva de Deus. Ele girou sua central telefônica para me ver jogando os guias de um lado para outro. Apesar da maior carga de trabalho, tinha uma ereção permanente. Vinha trabalhar com um sorriso e sorria o dia todo. Estava no céu. No fim do dia eu sempre tinha uma lista de cinco ou seis candidatas que valia a pena experimentar. O jogo era mantê-las inseguras, prometer-lhes um emprego para primeiro ter uma foda grátis. Em geral só era preciso jogar a isca para levá-las de volta ao escritório à noite e deitá-las na mesa coberta de zinco no vestiário. Se tinham um apartamento aconchegante, como às vezes ocorria, nós as levávamos para casa e acabávamos a coisa na cama. Se gostavam de beber, Hymie levava uma garrafa. Se valiam alguma coisa e precisavam de fato de alguma grana, ele pegava seu rolo de cédulas e tirava uma de cinco ou de dez, conforme fosse o caso. Fico com a boca cheia d'água quando me lembro daquele rolo que ele trazia consigo. Onde o conseguia, eu jamais soube, porque era o homem de mais baixo salário da espelunca. Mas estava sempre ali, e o que quer que eu pedisse, ele dava. Uma vez nos aconteceu de receber um bônus e lhe paguei até o último centavo — o que o deixou tão espantado que ele me levou ao Delmonico's e gastou uma fortuna comigo. Não apenas isso, como insistiu, na manhã seguinte, em pagar-me um chapéu, camisas e luvas. Chegou a insinuar que eu fosse à sua casa e comesse sua esposa se quisesse, embora me advertisse que no momento ela estava com um problema nos ovários.

Além de Hymie e McGovern, eu tinha como auxiliares um par de belas louras que muitas vezes nos acompanhavam para jantar à noite. E havia O'Mara, uma velha amiga que acabara de voltar das Filipinas e que coloquei como minha principal assistente. Havia também Steve Romero, um touro premiado que eu mantinha por perto para o caso de encrenca. E O'Rourke, o detetive da empresa, que se apresentava a mim no fim do dia, quando iniciava seu serviço. Finalmente, acrescentei outro homem à equipe — Kronski, jovem estudante de medicina, diabolicamente interessado nos casos patológicos, que nós tínhamos em abundância. Éramos uma turma alegre, unida no desejo de foder a empresa

a qualquer preço. E enquanto fodíamos a empresa, fodíamos tudo que pudéssemos pegar, à exceção de O'Rourke, que tinha certa dignidade a manter, além de problemas com a próstata e perdera todo interesse em foder. Mas era um príncipe, e generoso além das palavras. Era quem sempre nos convidava para jantar à noite, e era a quem recorriamos quando nos metíamos numa encrenca.

Assim iam as coisas na Casa Crepuscular após passarem dois anos. Eu estava saturado de humanidade, de experiências de um ou outro tipo. Em meus momentos de sobriedade, fazia anotações que pretendia usar mais tarde, se algum dia tivesse a chance de registrar essas experiências. Esperava uma folga para respirar. E então um dia, por acaso, quando me chamaram às falas por alguma pequena negligência, o vice-presidente deixou cair uma frase que me grudou na cuca. Disse que gostaria que alguém escrevesse um livro tipo Horatio Alger sobre os mensageiros; insinuou que eu talvez fosse a pessoa certa para esse serviço. Fiquei furioso ao pensar em quão tolo ele era e, ao mesmo tempo, deliciado porque em segredo estava doido para tirar a coisa do peito. Pensei comigo mesmo: “Seu pobre idiota, espere só até eu tirar isso do peito... Vou-lhe dar um livro tipo Horatio Alger... espere só!” Tinha a cabeça em torvelinho ao deixar o gabinete. Via o exército de homens, mulheres e crianças que haviam passado por minhas mãos, via-os chorando, pedindo, suplicando, implorando, xingando, cuspiendo, irritados, ameaçando. Via as pegadas que haviam deixado nas estradas, os trens de carga em que viajavam no chão, os pais em trapos, a caixa de carvão vazia, a pia transbordando, as paredes suando e, entre as frias gotas de suor, as baratas correndo feito loucas; via-os cambaleando como duendes tronchos ou caindo para trás no ataque epilético, retorcendo a boca, a saliva escorrendo pelos lábios, as pernas batendo; via as paredes desabarem e a peste jorrar para dentro como um fluido alado, e os homens lá de cima com sua lógica férrea, à espera de que passasse, de que tudo se acertasse, contentes, presunçosos,

grandes charutos na boca e os pés em cima da mesa, dizendo que tudo estava temporariamente fora de ordem. Via o herói de Horatio Alger, o sonho de um país doente subindo cada vez mais alto, primeiro mensageiro, depois operador, depois gerente, depois chefe, depois superintendente, depois vice-presidente, depois presidente, depois magnata de truste, depois barão da cerveja, depois Senhor de Todas as Américas, o dinheiro como deus, o deus dos deuses, o barro do barro, a nulidade em alta, zero com 97 mil decimais na frente e atrás. Seus merdas, disse a mim mesmo, eu vou-lhes dar a imagem de doze homenzinhos, zeros sem decimais, cifras, dígitos, os doze vermes não esmagáveis que estão corroendo a base de seu podre edifício. Vou-lhes dar Horatio Alger olhando o dia seguinte ao Apocalipse, quando todo o fedor tiver passado.

De toda a terra, vinham a mim em busca de socorro. Com exceção das primitivas, dificilmente uma raça não estava representada na força. Com exceção dos ainus, maoris, papuanos, vedás, lapões, zulus, patagônios, igorotes, hotentotes, tuaregues, com exceção dos perdidos tasmânicos, os homens perdidos de Grimaldi, os perdidos da Atlântida, eu tinha um representante de quase toda espécie sob o sol. Tinha dois irmãos que ainda adoravam o sol, dois nestorianos do velho mundo assírio; dois gêmeos malteses e um descendente dos maias de Yucatán; tinha alguns de nossos irmãos pardos das Filipinas e alguns etíopes da Abissínia; homens dos pampas da Argentina e caubóis desamparados de Montana; gregos, letões, croatas, poloneses, eslovenos, rutênios, checos, espanhóis, galeses, finlandeses, suecos, russos, dinamarqueses, mexicanos, porto-riquenhos, cubanos, uruguaiois, brasileiros, australianos, persas, japas, chineses, javaneses, egípcios, africanos da Costa do Ouro e do Marfim, hindus, armênios, turcos, árabes, alemães, irlandeses, ingleses, canadenses — e montes de italianos e judeus. Só me lembro de um francês, e que durou cerca de três horas. Tinha alguns índios americanos, sobretudo *cherokees*, mas nenhum tibetano nem esquimó: via nomes que jamais poderia imaginar e letras que iam dos caracteres cuneiformes à surpreendente e bela caligrafia dos chineses. Ouvi implorarem traba-

lho homens que haviam sido egiptólogos, botânicos, cirurgiões, mine-  
radores de ouro, professores de línguas orientais, músicos, engenheiros,  
médicos, astrônomos, antropólogos, químicos, matemáticos, prefeitos  
de cidades e governadores de estados, diretores de prisão, vaqueiros,  
madeireiros, marinheiros, piratas de ostras, estivadores, rebitadores,  
dentistas, pintores, escultores, bombeiros, arquitetos, traficantes de dro-  
gas, aborteiros, traficantes de escravas brancas, mergulhadores, limpa-  
dores de chaminés, fazendeiros, vendedores de ternos e capas, caçadores,  
guardiães de faróis, cafetões, vereadores, senadores, toda maldita coisa  
sob o sol, e todos na miséria, implorando trabalho, cigarros, passagens,  
*uma chance, por Deus Todo-Poderoso, só mais uma chance!* Vi e passei a  
conhecer homens santos, se é que existem santos neste mundo; vi e con-  
versei com sábios, libertinos ou não; escutei homens com o fogo divino  
nas entranhas, que poderiam haver convencido Deus Todo-Poderoso de  
que mereciam outra chance, mas não o vice-presidente da Companhia  
Telegráfica Cosmodemônica. Sentei-me grudado à minha escrivanhinha  
e viajei pelo mundo à velocidade da luz, e aprendi que em toda parte é a  
mesma coisa — fome, humilhação, ignorância, vício, ganância, extorsão,  
chicana, tortura, despotismo: desumanidade do homem com o homem:  
os grilhões, os arreios, o cabresto, a brida, o chicote, as esporas. Quanto  
mais fino o calibre, pior o homem. Andavam pelas ruas de Nova York  
naquele traje maldito, degradante, os desprezados, os mais baixos dos  
baixos, como alces, como pinguins, como bois, como focas amestradas,  
como jegues pacientes, como grandes asnos, como gorilas loucos, como  
dóceis maníacos mordiscando a isca pendurada, como camundongos  
dançarinos, como porquinhos-da-índia, como esquilos, como coelhos, e  
muitos e muitos deles tinham preparo para governar o mundo, escrever  
o maior livro já escrito. Quando me lembro de alguns dos persas, hindus  
e árabes que conheci, quando me lembro do caráter que me revelaram,  
sua graça, ternura, inteligência, *santidade*, cuspo nos conquistadores  
brancos do mundo, os degenerados britânicos, os obstinados alemães, os  
fátuos e presunçosos franceses. A terra é um grande ser sensível, um pla-

neta completamente saturado de homens, um planeta vivo exprimindo-se de forma insegura e balbuciante; não é o lar da raça branca, da raça negra, da raça amarela ou da raça azul perdida, mas do *homem*, e todos os homens são iguais perante Deus e terão sua chance, se não agora, daqui a um milhão de anos. Os irmãozinhos pardos das Filipinas podem voltar a florescer um dia, e os massacrados índios americanos do norte e do sul podem voltar à vida um dia e cavalgar pelas planícies onde hoje as cidades arrotam fogo e pestilência. Quem tem a última palavra? *O homem!* A terra é dele porque ele é a terra, o fogo, a água, o ar, as matérias minerais e vegetais, o espírito cósmico, imperecível, que é o espírito de todos os planetas, que se transforma por meio dele, por meio de intermináveis sinais e símbolos, intermináveis manifestações. Esperem, seus merdas telegráficos cosmocócicos, seus demônios que do alto aguardam que se conserte o encanamento, esperem, seus imundos conquistadores brancos que emporcalharam a terra com seus cascos fendidos, seus instrumentos, suas armas, seus germes de doenças, esperem, todos vocês sentados em silêncio a contar seus cobres, não é o fim. O último homem dirá sua palavra antes que tudo tenha terminado. Até a última molécula sensível deve-se fazer justiça — *e se fará!* Ninguém vai sair impune de nada, muito menos os merdas cosmocócicos da América do Norte.

Quando chegou a época de minhas férias — que eu não tirava havia três anos, tão ávido estava para fazer da empresa um sucesso! — tirei três semanas em vez de duas e escrevi o livro sobre os doze homenzinhos. Escrevi-o direto, cinco, sete, às vezes oito mil palavras por dia. Pensei que um homem, para ser escritor, tinha de escrever pelo menos cinco mil palavras por dia. Pensei que devia dizer tudo de uma vez — num único livro — e desabar depois. Eu não sabia nada sobre a escrita. Me caguei de medo. Mas estava decidido a varrer Horatio Alger da consciência norte-americana. Acho que foi o pior livro já escrito por alguém. Era um tomo colossal e cheio de defeitos do princípio ao fim. Mas foi meu primeiro livro e me apaixonei por ele. Se tivesse dinheiro, como Gide, eu o teria publicado às minhas custas. Se tivesse tido a coragem de Whitman, eu o

ofereceria de porta em porta. Todos a quem o mostrei disseram que era terrível. Exortaram-me a desistir da ideia de escrever. Tinha de aprender, como Balzac, que é preciso escrever volumes antes de assinar um deles. Tinha de aprender, como logo fiz, que se deve desistir de tudo e não fazer mais nada além de escrever, escrever, escrever, escrever, mesmo que todos no mundo nos aconselhem contra isso, mesmo que ninguém acredite na gente. Talvez a gente insista exatamente porque ninguém acredita; talvez o verdadeiro segredo esteja em fazer as pessoas acreditarem. Que o livro fosse inadequado, cheio de defeitos, ruim, *terrível*, como diziam, era simplesmente natural. Eu tentava fazer no começo o que um homem de gênio só tenta no fim. Queria dizer a última palavra no começo. Era absurdo e patético. Foi uma derrota arrasadora, mas me pôs ferro na espinha e enxofre no sangue. Pelo menos eu sabia o que era fracassar. Sabia o que era tentar uma coisa grande. Hoje, quando penso nas circunstâncias em que escrevi aquele livro, quando penso no material esmagador ao qual tentei dar forma, quando penso no que esperava abranger, dou-me tapinhas nas costas. Dou-me nota dez. Orgulho-me do fato de haver feito dele um fracasso tão miserável; se houvesse conseguido, eu seria um monstro. Às vezes, quando reviso meus cadernos de anotações, quando vejo só os nomes daqueles sobre os quais pensei em escrever, me dá vertigem. Cada homem vinha a mim com um mundo seu; vinha a mim e o descarregava em minha escrivadinha; esperava que eu o pegasse e pusesse nos ombros. Eu não tinha tempo de fazer um mundo meu: tinha de permanecer fixo como Atlas, meus pés nas costas do elefante e o elefante nas costas da tartaruga. Perguntar em cima do que ficava a tartaruga teria sido loucura.

Na época eu não ousava pensar em nada, a não ser nos “fatos”. Para chegar ao fundo dos fatos, teria de ser um artista, e ninguém se torna artista da noite para o dia. Primeiro, é preciso ser esmagado, ter aniquilado os pontos de vista. É preciso ser varrido como ser humano para nascer de novo como indivíduo. É preciso ser carbonizado e mineralizado para trabalhar acima do último denominador comum do eu. É preciso transcender a piedade

para sentir desde as raízes mesmas do próprio ser. Não se faz um novo céu e terra com “fatos”. Não há “fatos” — há apenas *o fato* de que o homem, todo homem, em qualquer parte do mundo, está a caminho da ordenação. Alguns pegam o caminho longo e outros o curto. Todos organizam o seu destino à sua maneira, e ninguém pode ajudar a não ser sendo bondoso, generoso e paciente. Em meu entusiasmo, eram então inexplicáveis certas coisas hoje claras. Lembro-me, por exemplo, de Carnahan, um dos doze homenzinhos sobre os quais escolhi escrever. Era o que se chama mensageiro modelo, diplomado por uma universidade famosa, uma inteligência sólida e um caráter exemplar. Trabalhava de dezoito a vinte horas por dia e ganhava mais que qualquer mensageiro da força. Os clientes a quem servia escreviam cartas sobre ele, pondo-o nas alturas; ofereciam-lhes bons cargos, que ele recusava por um ou outro motivo. Vivia frugalmente, mandando a maior parte do salário para a mulher e os filhos que moravam em outra cidade. Tinha dois vícios — a bebida e o desejo de vencer. Podia passar um ano sem beber, mas se tomasse uma gota, desandava. Por duas vezes fora bem-sucedido em Wall Street, mas ainda assim, ao me procurar para pedir emprego, não chegara mais longe do que ser sacristão de igreja em uma cidadezinha qualquer. Fora demitido desse emprego porque tomara o vinho sacramental e tocara os sinos a noite inteira. Era autêntico, sincero, sério. Eu tinha implícita confiança nele e minha confiança foi provada pela sua folha de serviço, imaculada. Mesmo assim, atirou na mulher e nos filhos a sangue-frio, e depois em si mesmo. Por sorte, nenhum deles morreu; ficaram todos juntos no hospital e se recuperaram. Fui visitar sua mulher depois que o transferiram para a cadeia, a fim de conseguir sua ajuda. Ela recusou categoricamente. Disse que ele era o filho da puta mais mesquinho e cruel que já andara sobre duas pernas — queria vê-lo enforcado. Implorei por ele durante dois dias, mas ela foi inflexível. Fui à cadeia e falei com ele através da tela de arame. Descobri que já se fizera popular com as autoridades, já recebera privilégios especiais. Não estava nem um pouco abatido. Pelo contrário, esperava extrair o melhor da temporada na prisão “estudando” técnicas de venda. Ia ser o melhor vendedor dos Estados Unidos após a libertação. Eu

quase diria que parecia feliz. Disse-me que não me preocupasse com ele, ia se dar bem. Disse que todos eram ótimos com ele e não tinha nada do que se queixar. Saí dali meio aturdido. Fui a uma praia próxima e decidi nadar um pouco. Via tudo com novos olhos. Quase esqueci de voltar para casa, tão absorto ficara em especulações sobre o cara. Quem poderia dizer se tudo que lhe acontecera não fora para melhor? Talvez ele sáísse da prisão um evangelista completo em vez de vendedor. Ninguém podia prever o que ele seria capaz de fazer. Nem ajudá-lo, porque ele trabalhava seu destino à sua maneira.

Houve outro cara, um hindu chamado Guptal. Era não apenas um modelo de bom comportamento — era um santo. Tinha paixão pela flauta, que tocava sozinho em seu miserável quartinho. Um dia o encontraram nu, a garganta cortada de uma orelha a outra, e a seu lado na cama, a flauta. No funeral, uma dezena de mulheres derramavam lágrimas apaixonadas, incluindo a esposa do zelador que o assassinara. Eu poderia escrever um livro sobre esse rapaz, o homem mais amável e santo que já conheci, que jamais ofendeu ou tirou alguma coisa de alguém, mas cometeu o erro crucial de vir para os Estados Unidos para espalhar paz e amor.

Havia Dave Olinski, outro mensageiro fiel e diligente, que pensava apenas no trabalho. Tinha uma fraqueza fatal — falava demais. Quando me procurou, já rodara o globo várias vezes, e o que não fizera para ganhar a vida não vale a pena contar. Sabia umas doze línguas e sentia um certo orgulho por seu talento linguístico. Era um daqueles homens cuja própria disposição e entusiasmo os liquidam. Queria ajudar todo mundo, mostrar a todo mundo como vencer. Queria mais trabalho do que podíamos lhe dar — era um glutão por trabalho. Talvez eu devesse tê-lo avisado, quando o mandei para seu departamento no East Side, que ia trabalhar num bairro difícil, mas ele fingia saber tanto e foi tão insistente em trabalhar naquela localidade (por causa do talento linguístico) que eu não disse nada. Pensei comigo mesmo — você vai descobrir muito rapidamente. E, claro, ele estava lá havia pouco tempo, quando se meteu

em encrenca. Um rapaz judeu durão das vizinhanças entrou certo dia no escritório e pediu um formulário. Dave, o mensageiro, estava atrás do balcão. Não gostou da maneira como o cara pediu o formulário. Disse-lhe que devia ser mais educado. Levou uma porrada no pé do ouvido. Isso o fez reclamar ainda mais, ao que tomou tal bofetada que os dentes voaram garganta abaixo, e o queixo se partiu em três lugares. Ainda assim não teve juízo suficiente para fechar a matraca. Como o maldito idiota que era, foi à delegacia de polícia dar queixa. Uma semana depois, enquanto cochilava num banco, uma gangue de arruaceiros invadiu o local e o reduziu a polpa. Apanhou tanto na cabeça que o cérebro parecia uma omelete. Para inteirar a conta, a turma esvaziou o cofre e virou-o de cabeça para baixo. Dave morreu a caminho do hospital. Encontraram quinhentos dólares escondidos no dedão de uma das meias... E havia Clausen e a mulher Lena. Chegaram juntos quando ele veio pedir trabalho. Ela trazia um bebê nos braços e ele dois pequenos pelas mãos. Tinham sido enviados por uma organização assistencial. Eu o pus como mensageiro noturno para que tivesse salário fixo. Em poucos dias, recebi dele uma carta, uma carta estranha em que me pedia que o desculpasse por ausentar-se do trabalho, pois tinha de apresentar-se ao agente da condicional. Depois outra carta dizendo que a mulher se recusava a dormir com ele porque não queria mais bebês, e se eu podia por favor ir visitá-los e tentar convencê-la a dormir com ele. Fui à sua casa — um porão no bairro italiano. Parecia um manicômio. Lena estava grávida de novo, de cerca de sete meses e à beira da idiotia. Passara a dormir no terraço porque era quente demais no porão, e também porque não queria que ele a tocasse mais. Quando eu lhe disse que não fazia diferença àquela altura, ela simplesmente me olhou e deu um risinho. Clausen estivera na guerra e talvez o gás o tivesse deixado meio lelé — de qualquer modo, espumava pela boca. Disse que ia estourar os miolos dela se não saísse daquele terraço. Insinuou que a mulher dormia ali para traí-lo com o carvoeiro que morava no sótão. Ao ouvir isso, Lena sorriu de novo com aquele risinho de batráquio sem graça. Clausen perdeu a paciência e

deu-lhe um rápido chute no rabo. Ela saiu arrufada, levando os moleques. Clausen disse que o melhor era ela ir embora. Depois abriu uma gaveta e pegou um grande Colt. Guardava-o para o caso de precisar dele alguma hora, disse. Mostrou-me algumas facas também, e uma espécie de cassetete pequeno que ele próprio fizera. Então se pôs a chorar. Disse que a mulher o estava fazendo de idiota. Estava farto de trabalhar para ela, porque ela dormia com todo mundo no bairro. Os garotos não eram dele, porque não podia fazer mais filhos, mesmo que quisesse. No dia seguinte, quando Lena saiu para fazer compras, ele levou os meninos para o terraço e, com o cassetete que me mostrara, espatifou os crânios deles. Depois saltou de cabeça do terraço. Ao voltar para casa e ver o que ele fizera, Lena ficou doida. Tiveram de pô-la numa camisa de força e chamar a ambulância... Havia Schuldig, o rato que passara vinte anos na prisão por um crime que não cometera. Fora espancado quase até a morte para confessar; depois, confinamento em solitária, fome, tortura, perversão, droga. Quando finalmente o libertaram, não era mais um ser humano. Uma noite, descreveu-me os últimos trinta dias na cadeia, a agonia da espera para ser libertado. Jamais ouvi nada parecido; não pensava que um ser humano sobrevivesse a tal angústia. Libertado, ele ficou obcecado pelo medo de ser obrigado a cometer outro crime e mandado de volta à prisão. Queixava-se de que era seguido, espionado, constantemente acompanhado. Disse que “eles” o estavam instigando a fazer coisas que não desejava. “Eles” eram os detetives que andavam na sua cola, pagos para levá-lo de volta. À noite, quando dormia, sussurravam em seu ouvido. Era impotente contra eles porque o hipnotizavam primeiro. Às vezes, punham droga debaixo do seu travesseiro, e com ela um revólver ou uma faca. Queriam que matasse algum inocente para terem uma sólida acusação contra ele dessa vez. Foi indo de mal a pior. Uma noite, após ficar rodando durante horas com um maço de telegramas no bolso, dirigiu-se a um tira e pediu para ser trancafiado. Não se lembrava de seu nome nem endereço, ou sequer do departamento para o qual trabalhava. Perdera completamente a identidade. Repetia sem parar: